

GRUPOS DE ESTUDO



CORPO, SOCIEDADE E ED. FÍSICA

*Grupo Contribuição **

Falar sobre o corpo numa perspectiva crítica é complexo e difícil, devido ao nosso processo educacional unilateral e em face da nossa história autoritária.

Temos consciência de que não podemos discutir ou refletir esse corpo, desprezando o contexto histórico e ideológico que é responsável pela sua realidade hoje. Não existe entre o nosso corpo e a sociedade uma relação dialética que precisa ser questionada? E será que a Educação Física tem alguma representação nessa relação intermediária entre o corpo e sociedade? É nessa perspectiva que queremos meditar sobre a questão do corpo.

Quando falamos do corpo é de fundamental importância observar o processo de alienação em que nos encontramos e as questões problemáticas e primitivas existentes em nossa sociedade. Como a fome, os abusos constituídos por desrespeitos humanos, as doenças, os preconceitos, as torturas e os atentados às necessidades básicas do indivíduo. Tudo isso, relacionado ao homem, são questões que devem ser resolvidas concretamente.

Partindo do pressuposto de que a sociedade capitalista faz do corpo nada mais que um simples objeto, um instrumento cuja preocupação é o rendimento, a produtividade, e levando em conta que essa realidade em relação ao corpo, é, segundo MEDINA ⁽¹⁾, uma herança da cultura ocidental, que percebe o corpo numa visão dualista, como se o cérebro, gerador principal de nossas instâncias psicológicas, emocionais, espirituais e sociais, fosse algo separado de nós mesmos, é diante deste argumento que percebemos a EDF, como instrumento de reprodução desta concepção dualista. E mais, ela está solta, sem algo a cumprir, sem algo a defender. A sua história nos mostra que ele não teve uma contribuição contextualizada no processo de evolução social, no que diz respeito à consciência humana como meio de construção de uma sociedade mais justa. Pelo contrário, a

EDF, em todo o momento, agiu a favor da ideologia dominante, colaborando sempre com as situações vigentes. Hoje ela está perdida. Apoiar-se onde? No esporte elitista? Na famosa aeróbica? Será essa a EDF que contribui para o processo atual de transição social?

Se formos levar em consideração que uma pessoa só é entendida como elo de identidade social, quando interessa à sua lógica da produtividade lucrativa, então, como fica o profissional de EDF? Vejamos, quando se fala em Educação Física, as pessoas levam imediatamente em consideração o corpo. Até que ponto isto está certo? Pois bem, todo profissional de EDF tem um papel a cumprir na sociedade. Neste sentido surge a seguinte indagação: de que instrumento ele deve utilizar-se para formar o elo de identidade social? Será o corpo ou seria o homem? Diante da visão do corpo como instrumento da EDF, onde o corpo padrão prevalece, opomo-nos mediante este fato, porque, para nós, o instrumento de elo social é o homem trabalhado em sua totalidade.

Sem pretensões de encerrar essa discussão, gostaríamos de lembrar aos estudantes e professores de EDF que já não podemos mais concebê-la negando a natureza dialética dos corpos e adotando cegamente uma natureza absoluta. O nosso corpo tem sentido e, tendo sentido, é algo que precisa ser levado em consideração em seu amplo aspecto. Chega de analisar as coisas por fora e em vão, de querer criar o novo com a essência do velho. E, quando nos referimos ao corpo, não podemos dissociar o homem e nem a sua história, para não cairmos no erro de abandonar o contexto e adotar a dialética absoluta como meio utilizado pela ideologia dominante. Pelo contrário, temos que dar importância ao homem em sua totalidade e começar a enxergar as diferentes sociedades, para, assim, compreender o diferente, adotando uma verdadeira dialética.

* Luiz Anselmo Menezes Santos — Alexandre Henrique Rodrigues de Menezes — José Américo Santos Menezes — Acadêmicos do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe.

(1) MEDINA, João P. Subirá. Reflexos para uma Política Brasileira do Corpo.

BIBLIOGRAFIA

MEDINA, João P. S. Reflexões para uma política brasileira do corpo in: OLIVEIRA, V. M. (Org) Fundamentos Pedagógicos: educação física Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1987.

SILVA, João B. F. Rumo ao Universo... do Corpo, in: OLIVEIRA, V. M. (Org.) Fundamentos Pedagógicos: educação física. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1987.

VIEIRA, Luiz Renato. A Ideologia do Corpo. Revista Humanidades Ano IV, mês agosto/outubro — Editora Universidade de Brasília, 1987.

CARMO, Apolonio Abadio. Estigma, Corpo e Deficiência. Revista Brasileira da Ciência do Esporte, Volume 9, nº 3 maio/88.

GAIARSA, José A. O Que é Corpo, 1 Ed., Editora Brasiliense, São Paulo, 1986.



ATIVAÇÃO

Adriana Maria Vasconcelos *
 Amélia Fernandes Costa *
 Henriette Lins *
 Rose Mary Farias *

A partir da percepção da realidade em que está inserida a nossa universidade, sentimos a necessidade de ampliar nossos conhecimentos científicos, suprir as carências encontradas em nosso curso, bem como provocar uma conscientização crítico-social numa visão dialética, formando assim um grupo de estudos que tem como objetivo os pontos citados, assim como despertar no estudante de Educação Física a motivação e o interesse pelo estudo e pela pesquisa, através de palestras, seminários, textos-resumos, dentre outros.

O Grupo iniciou seus estudos por temas básicos relacionados às ciências humanas (filosofia, sociologia, antropologia, etc.) buscando, assim, subsídios para uma discussão mais aprofundada sobre Educação inserida na Educação Física.

É proposta, também, do grupo regulamentar-se a nível de Universidade e Departamento, fazendo-se conhecido no meio universitário, para posteriormente manter intercâmbio com grupos já existentes e incentivar o surgimento de outros.

Acreditamos, desta forma, contribuir, para o avanço científico a nível estudantil, resgatando o verdadeiro significado da Educação Física numa realidade de homem, mundo e sociedade.

Como primeira produção do grupo, temos a apresentar um seminário desenvolvido a partir do tema "Natação como Fator Educação", realizado em julho/90, o qual provocou uma participação ativa de alunos e professores de outras cadeiras, através de discussões, gerando uma ampla reflexão sobre a atual situação em que se encontra o nosso curso.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Natação como Fator Educação

Para podermos entender e nos aprofundar no tema, foi necessária uma maior compreensão sobre o que seria Educação, Pedagogia e suas tendências, para daí inserirmos a natação e suas concepções num processo educativo transformador.

A educação ajuda a pensar tipos de homem e a construir tipos de sociedade, "mas, na prática, esta educação que ensina pode deseducar e pode correr o risco de fazer o contrário do que pensa que faz, ou do que inventa que pode fazer" (Brandão, 1983, pág. 12) formando, assim, homens passivos à sua história, não questionadores, tornando-se inertes em meio à tempestade.

É preciso educar o homem, considerando o aspecto social no qual ele está inserido, a diversidade de cultura e a atividade à qual está destinado.

"A pedagogia tem a preocupação com os meios, com as formas e maneira de levar o indivíduo ao conhecimento. Assim, a pedagogia vincula-se aos problemas metodológicos relativos ao como ensinar, ao que ensinar, e também, ao quando ensinar e para quem ensinar" (Ghiraldelli Jr., 1987, pág. 8).

Para situarmos a prática da natação no processo educativo, comprometido com o desenvolvimento global do indivíduo, precisamos levar em consideração, que tipo de homem queremos e estamos formando através desta prática.

A natação não deve ser encarada simplesmente como busca de aprimoramentos de técnicas que visam transformar o indivíduo em campeão, mas como uma atividade que proporcione satisfação e alegria, obedecendo aos anseios e necessidades de cada praticante.

* Acadêmicos do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
 a/c Henriette Lins

Endereço para correspondência: Rua Aurino Maciel, 121 apt° 1304 — Farol — CEP 57.000 — Fone: (082) 2232590 — Maceió/AL

Relação de Algumas Tendências Pedagógicas com as Concepções de Nataçã

A Tendência Pedagógica Liberal Conservadora visa ao lado intelectual e moral do aluno, não se comprometendo com o problema social, valorizando o aspecto cultural, através de métodos repetitivos, onde a autoridade maior é o professor. O conteúdo é tido como verdade e imposto aos alunos dissociado das experiências vividas nas realidades sociais de cada um, devendo ser absorvido, impedindo a livre discussão. (Libâneo, 1986).

A Corrente Analítica da Nataçã é caracterizada por métodos repetitivos, levando o aluno a uma mecanizaçã do movimento em si. O que importa é a execuçã correta de todos os exercí-cios, todos precisam fazer tudo no mesmo momento, impedindo a descoberta por parte do aluno, para daí um ajustamento à melhor forma, mas sim uma aprendizagem mecânica, onde não entra em questã a individualidade física, biológica, psicológica e social (Catteau, Garoff, 1988).

Essas duas correntes pedagógicas interligam-se por levar o indivíduo a um não questionamento social e à reproduçã de um sistema autoritário e antidemocrático, do qual somos fruto. Daí a necessidade de tentarmos mudar essas concepções, com o compromisso de contribuir para uma transformaçã na estrutura social.

A tendência Pedagógica Liberal Renovadora Não-Diretiva preocupa-se principalmente, com o lado psicológico do indivíduo, descuidando-se da atuaçã no meio social. É dada bastante importância ao autodesenvolvimento e à realizaçã pessoal. Os conteúdos são dispensáveis, pois o mais importante é que o aluno busque o conhecimento de si mesmo. O papel do professor é garantir um clima autêntico de relacionamento pessoal, o qual visa formar a personalidade do aluno, permitindo-lhe desenvolver suas próprias características. Acredita que, ao ausentar-se em determinados momentos, facilitará o autodesenvolvimento do aluno, pois, intervindo, pode inibir a aprendizagem. (Libâneo, 1986).

A Corrente Global de Nataçã caracteriza-se pela ausência de conteúdo acreditando que o objetivo pedagógico pode ser atingido no momento em que o aluno se descobre sozinho, tornando-se capaz de superar suas próprias dificuldades. Toda a sua prática se concentra na açã instintiva do ato de nadar, não existindo uma racionalizaçã e conscientizaçã do movimento na água (Catteau, Garoff, 1988).

Relacionando essas duas correntes pedagógicas, encontramos em comum a ausência de conteúdos e da participaçã ativa do professor, deixando que o indivíduo alcance sozinho os seus

próprios objetivos, sem haver uma metodologia que possa auxiliar tal processo. É incentivada a relaçã anárquica com o meio do qual participa, havendo, assim, um grande choque com a realidade social composta de normas. O indivíduo aprende a desenvolver, apenas, o "eu" sem levar em consideraçã a relaçã do "eu" com o outro, tornando-se contrário a qualquer valor passado pela sociedade sem ao menos um questionamento consciente.

Finalmente, a Tendência Progressista Crítico-Social dos Conteúdos traz em sua essência, conteúdos concretos, indissociáveis da sua significaçã humana e social, não pretendendo separar o aluno de sua realidade, levando-o a um conhecimento consciente e transformador, onde o professor assume um papel de interventor, junto à participaçã ativa do aluno, levando-o a um saber organizado e unificado. (Libâneo, 1986).

A Corrente Moderna, entende a prática da nataçã como um processo de caráter evolutivo, baseando-se em dados científicos, para uma formalizaçã técnica associada ao objetivo de cada indivíduo (Catteau, Garoff, 1988).

A relaçã encontrada entre a tendência crítico-social dos conteúdos e a concepçã de nataçã se dá, tanto por possibilitar uma conscientizaçã individual, como pela construçã do coletivo, formando, assim, indivíduos capazes de contribuir para uma açã transformadora na sociedade.

Após todos esses estudos, e analisando a prática da nataçã no nosso curso, concluímos que a metodologia aplicada se encaixa na tendência liberal conservadora, numa concepçã analítica, visto que o objetivo do curso de Educaçã Física não é formar atletas e sim preparar profissionais capacitados para situar o aluno dentro de sua realidade, seja ela social, econômica, cultural, física, psicológica, etc. Dessa forma, nós, educadores devemos ter como meta, conduzir o indivíduo à aprendizagem da nataçã, respeitando suas limitações biopsicossociais, em cima de conteúdos que permitam um autoconhecimento, através do movimento na água, valorizando, assim, todo o sentido do que vem a ser "nadar".

Com isso, sugerimos através deste seminário, que o ensino da nataçã seja ministrado com o objetivo de proporcionar ao estudante de Educaçã Física:

- a capacidade de desenvolver uma prática individual ou coletiva em suas variadas funções (utilitária, terapêutica, relaxadora, esportiva, etc.), considerando o ideal ao qual se destina cada praticante;
- o conhecimento e formalizaçã da técnica dos quatro nados, a ser aplicada através de atividades, visando ao seu lado lúdico, como meio de despertar o interesse e a motivaçã do aluno;

— conhecimento de noções básicas de salvamento e técnicas de como ensinar e prevenir acidentes, como fator de solidariedade humana;

— uma reflexão sobre a influência da competição e suas conseqüências na formação da personalidade da criança;

— uma concepção de natação como esporte para todos, através de pesquisas de campo em diferentes meios de nossa sociedade (rios, lagoas, mares, piscinas, etc.) como forma de buscar um trabalho alternativo de natação.

“A natação só será verdadeiramente uma atividade humana a serviço do homem, quando sua pedagogia se libertar da rotina e se comprometer

ativamente com a atividade experimental” (Catteau, Garoff, 1988, pág. 60).

BIBLIOGRAFIA

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Educação. 9ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1983.

GAROFF, R. CATTEAU, G. O Ensino da Natação. 3ª ed. São Paulo, Manole Ltda, 1988.

GHIRALDELLI JR., Paulo. O que é Pedagogia. 2ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1987.

LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da Escola Pública: A pedagogia crítico-social dos conteúdos. 4ª ed. São Paulo, Loiola, 1986.



GRUPO VITÓRIA

A formação de grupos de estudos em diversas Universidades Brasileiras, especialmente na área da Educação Física revela, por um lado, que há "fendas" no processo de formação de professores da área no Brasil. E, por outro lado, evidencia que professores e alunos não caíram no "imobilismo acadêmico" e, então, através desses grupos ocupando essas "fendas", quer seja no campo político, quer seja no campo epistemológico. Esses foram os motivos imediatos que propiciaram a nossa união.

O grupo de Estudos "Conhecer" tem como objetivo inicial discutir questões (temas) inerentes à Educação Física brasileira, tendo como referencial norteador as ciências sociais. Neste sentido, esperamos contribuir para a formação de profissionais com horizonte político e técnico para a Educação e a Educação Física brasileiras, numa perspectiva histórico-cultural.

Metodologicamente, o nosso grupo funciona com um número não superior a dez membros, divididos em subgrupos, reunindo-se uma vez por semana, com possibilidades, quando for o caso, de reunir-se quantas vezes for necessário.

Inicialmente, elegemos um tema significativo para o grupo, bem como para a área de conhecimentos em que atuamos. Em seguida, buscamos através da leitura de textos rigorosamente selecionados e do diálogo "destravar a fala" e, em consequência desse processo, introduzirmo-nos no mundo da escrita.

ALIENAÇÃO, COTIDIANO E ESPORTE

*Amarflilio Ferreira Neto **

*Silvana Vantorim ***

*Marielza Gobbi Caversan ***

O termo Alienação parece-me familiar em nosso cotidiano. Frequentemente, ouvimos dizer que esse ou aquele homem é alienado. Segundo SANTOS (1982:10), "Alienar vem do latim alienare, de alienus, que significa que pertence a um outro (outro = alius). Alienar é, portanto, transferir para outrem o domínio de, é tornar alheio". Em seu sentido jurídico, o termo significa perder o usufruto ou posse de um bem; ou quando o "indivíduo (homem) perde o uso de suas faculdades, o juízo momentânea ou definitivamente" (alienado mental). Entretanto, abordaremos a palavra alienação no sentido de falsa consciência dos problemas políticos e sociais. Dessa forma, o homem alienado não compreende a sociedade em que está inserido, os fatores que condicionam sua posição econômica, política e social, enfim, ele se despersonaliza, se coisifica, se alheia do processo (MARX e ENGELS, 1984).

Assim sendo, este texto objetiva analisar a

relação alienação, cotidiano e esporte, enfocando principalmente a sociedade brasileira dados os desdobramentos que o tema tem assumido em momentos históricos diferentes no país. Esperamos, com essa reflexão, contribuir para o debate e o entendimento do assunto, acreditando num redimensionamento da prática.

Podemos causar estranheza analisar o esporte como forma de alienação em nosso cotidiano, visto que um informante, por mais desinformado que seja, quando perguntado sobre os efeitos da prática esportiva, diria: é óbvio que o esporte proporciona uma boa forma física e mental, lazer, sociabilização, enfim, o esporte é um meio de produzir benefícios à vida do homem. Nesse ponto nos paira a seguinte dúvida: como um fenômeno que beneficia tanto a vida pode alienar?

Para tentarmos entender como se desencadeia o processo da alienação que, segundo SANTOS (1982) e BASBAUM (1985), é um produto

* Professor da Universidade Federal do Espírito Santo.

** Acadêmicos do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo.

Endereço para correspondência:

Rua José Neves Ciprestes, Conjunto Maria Ortiz, Bl. A/12, apt° 201 — CEP.: 29060 — Jardim da Penha — Vitória — ES

da história social dos homens, bem como de suas relações com seus semelhantes e objetos, e para localizarmos o esporte neste contexto, necessariamente devemos ter claro que o nosso cotidiano é representado por uma sociedade de classes, produto do sistema capitalista dependente, instalado no Terceiro Mundo. Ao falarmos em capitalismo, alguns termos merecem ser evidenciados como exploração, propriedade privada, trabalho, capital, mais-valia, alienação... que, quando relacionados às manifestações humanas na família, na religião, na arte, na educação e, no caso específico, com o esporte, constituem o quadro teórico básico para compreensão da relação capitalismo x esporte.

Como no trabalho, no esporte, a maioria dos homens não percebem a alienação. Sejamos atletas, observadores ou organizadores, não notamos este fenômeno que descaracteriza o homem, despersonalizando-o. Não queremos negar a importância do esporte, citada anteriormente, mas, conscientizarmo-nos de que, tanto quanto em outros momentos da vida social do homem, também por meio do esporte processa-se a alienação. Neste sentido, a ideologia dominante, que funciona neste processo de massificação, como "cimento" na formação da consciência social inconsciente e desumana, reforça o sistema político-econômico capitalista.

Ao estendermos o fenômeno esporte em suas áreas de atuação, trataremos do esporte como trabalho (esporte profissional), na tentativa de mostrar os mecanismos que o engendram numa sociedade de classes, como a brasileira. Desse ponto de vista, o esporte é uma mercadoria. Se é uma mercadoria, deverá existir uma necessidade para tal, e há. Deverá, também, ter um valor. O atleta tem x horas de treinamento (trabalho) e seu produto, uma vitória (lucro), que se torna incerta a cada partida esportiva. Porém, aqui, o atleta-trabalhador e o seu produto, de acordo com seu potencial e talento, bem como a fábrica em que trabalha (clube), terá um valor no mercado.

O esporte, nesse caso, não é um ato praticado para trazer benefícios sociais ou individuais, mas uma mera fonte de lucro, tornando-se um meio de subsistência do homem, que vende seu corpo, sua força de trabalho no mercado para alcançar objetivos que lhe são exteriores, isto é, "o operário virou um escravo de seu objeto" (MARX APUD SANTOS, 1982:35).

A quem se destina, por exemplo, uma partida de futebol? Aos espectadores, aos jogadores ou aos clubes? A produção do esporte é transferida aos capitalistas esportivos, ao passo que, aos atletas e aos espectadores, fica, somente, a participação, enquanto tais. Aqui, também, percebe-se a alienação capitalista. O produto do próprio traba-

lho passa pertencer a outro, torna-se exterior ao trabalhador (atleta).

Assim, o atleta passa a ser uma merdadoria, porém, com um menor valor do que o seu produto. Essa mercadoria é a base do sistema capitalista esportivo.

Segundo SANTOS (1982:35), "antes o trabalho era uma manifestação da personalidade do homem, uma atividade especificamente humana — essa era a sua essência —, agora, como o homem é produtor de valor, essa exteriorização de sua forças essenciais transformou-se em atividade para um ganho". Portanto, o raciocínio anterior vale para o processo de alienação existente no regime capitalista ao tornar o homem alheio às questões políticas, sociais e econômicas da sociedade onde vive, especialmente aqueles menos favorecidos.

Na busca de aprender a influência do capitalismo no esporte, relacioná-lo-emos com a propriedade privada, onde somente alguns participam do processo esportivo. Quem pratica esporte de um modo geral? O operário de uma fábrica, um camponês? Talvez eles tenham um tempinho no domingo para bater uma "pelada" o que, certamente, para eles, é importante, apesar de que, nesse jogo acontecerá o mesmo que no trabalho: usarão exaustivamente sua força muscular, haverá irritação, cansaço, mas, da "pelada" voltarão para casa felizes. Quem frequenta os clubes esportivos? Quem tem acesso às revistas, jornais e programações na TV sobre o esporte? Com certeza não é a maior parte da população brasileira. O esporte, de um modo geral, é elitizado e provoca, como outros fenômenos sociais, a divisão de classes.

De outro modo, o esporte, se tratado como uma manifestação econômica, não foge à política da importação e exportação. Importamos sem reflexões o que se torna modismo. Os modelos internacionais de Educação Física ("método" francês, alemão, sueco, desportivo generalizado, etc.) e, um exemplo mais atual, o da ginástica aeróbica que, não descartando a sua funcionalidade, foi imbutida em nossa cultura sem ser analisada cientificamente, e com ela o reforço à valorização da cultura estrangeira, ao consumo de marcas de roupas esportivas, e um culto ao corpo inconscientemente, do tipo daquela maratonista sueca nas Olimpíadas de Los Angeles: "ao fim da maratona, o público em delírio de excitação, o corpo todo contorcido, já não mais se reconhecendo a si mesmo, incapaz de obedecer às ordens que vinham do cérebro (se é que o cérebro, num corpo tão torturado, ainda era capaz de pensar)..." (ALVES, 1945:40). Por outro lado, exportamos atletas do basquetebol, atletismo, futebol, para outros países, porque estes pagam mais e oferecem melhores condições de trabalho.

Um outro enfoque é dado ao corpo humano

que, nas relações sociais estebelecidas, aliena-se da consciência e da essência humana. O corpo é reduzido a uma simples máquina que busca rendimento e “performances” sobrenaturais, sendo vítimas do próprio excesso. Contudo, de acordo com SANTIN (1987:77), “O movimento humano ultrapassa os limites da simples motricidade ou das atividades mecânicas. O movimento humano não pode ser reduzido a deslocamentos físicos, a articulações motoras ou gesticulações produtivas. É necessário vinculá-lo a todo seu modo de ser. Não é apenas o corpo que entra em ação pelo fenômeno do movimento. É o homem todo que age, que se movimenta”. Busca-se um corpo belo, porque a sociedade valoriza esta beleza; pratica-se esporte, porque está na moda. Assim, então, consolida-se uma ideologia que reafirma o capitalismo. Por outro lado, este corpo é esquecido, ou melhor, não pode ser lembrado, devido a tantas outras questões que passem a ser prioridades para o homem, como moradia, saúde, alimentação, emprego etc.

A prática do esporte está presente no cotidiano do homem. É fato perceptível encontrarmos em qualquer lugar do Brasil um campo de futebol. A prática esportiva livre e espontânea torna o homem sujeito de sua ação, ele passa a se pertencer enquanto produtor de seu ato, porém, não ignorando a relação existente no momento da prática em si, que poderá traduzir características do sistema capitalista alienante. Entretanto, neste momento, a análise focaliza uma outra dimensão. Coletiva ou individualmente, o homem, enquanto ser social, movimenta-se, brinca, pratica esporte, e isso tem um forte significado para o conjunto de suas relações sociais, que é parte da totalidade de sua cultura e da história.

O movimento humano caracteriza o comportamento de cada homem, representando a cultura de sua sociedade que é, ao mesmo tempo, modificada segundo a intencionalidade do seu mover-se na cultura de um determinado povo.

Portanto, para compreender detalhadamente o processo esportivo, faz-se necessário conhecer o seu papel nos diferentes momentos históricos. O esporte foi utilizado (e ainda é), no Brasil, como uma forma de desarticulação de qualquer movimento classista, afastando os trabalhadores das lutas de classe, fazendo com que aceitassem e aceitem, docilmente sua posição de explorado, além de estarem preparados fisicamente para uma produção maior. De acordo com CARVALHO (1978:21-2), “O desporto alinhou, assim, ao lado da ação econômica dos monopólios, conjugada com a intervenção política do Estado, como um complemento importante da grande ofensiva ideológica tendente a emascular os trabalhadores de sua capacidade de luta por condições de vida e de

trabalho mais justas e humanas”, esse exemplo português vale inteiramente para o caso brasileiro. No movimento estudantil, o esporte teve o mesmo objetivo, recrear os estudantes para desmobilizar a categoria de suas lutas. Enfim, o esporte se mostra como uma força ideológica a favor do Estado. “Também estava destinada ao esporte a formação militar, a formação de corpos fortes, de super-homens a serviço da nação, a purificação da raça e a saúde perfeita” (CASTELLANI FILHO, 1988).

Um outro aspecto abordado, que segue esta mesma ideologia de caráter opressor e inculcador, é o esporte escolar, constituindo mais um componente alienador. Através da educação escolar, transmitem-nos valores e concepções falseadas que nos levam a um comportamento passivo diante do quadro real da sociedade capitalista brasileira...” as escolas são fábricas, onde a matéria bruta são as crianças, a serem moldadas e transformadas em produtos que satisfaçam às diversas exigências da vida” (NUNES, 1985:70).

O esporte contribuiu para a concretização desse fato. A prática esportiva escolar visa à formação de campeões, heróis, onde se pensa que devemos “levar vantagem em tudo”. Nesse contexto, em muitas ocasiões, “O feitiço vira contra o feiteiro”, isto é, a prática esportiva, em lugar de ser fator de libertação, favorece a dominação, como afirma NUNES (1985:70) “... na escola o esporte é usado com a finalidade de dominar o aluno, ensinando-lhe a regra do jogo (isto é, hábitos sociais): num jogo, quando o apito soa, é porque a criança não está atuando de acordo com o estabelecido pelo sistema. Assim, através de recompensas e punições, promove-se um condicionamento dos alunos, nas escolas, no que disciplina, ordem e hierarquia devem ser respeitados. A questão do poder, então, fica escamoteada, posto o esporte não ter finalidades utilitárias imediatas. “Desse modo, CARVALHO (1978:26-7) afirma que “... a escola passa então a ser encarada como o terreno de eleição do desenvolvimento desportivo nacional sem se cuidar que tipo de interesses se defendem e a que necessidade aquela responde”, mistificando o processo das relações entre os homens.

Um outro ponto a considerar é, segundo FEIO (1978), a questão da política, que se faz presente no esporte e a política externa (local, nacional e internacional), que necessita de uma reflexão mais profunda.

A politização do esporte pode ser expressa, de acordo com FEIO (1978), na ação de um partido político que propõe programas esportivos, nas propostas governamentais sobre o esporte, na posição (“esquerda” ou “direita”) dos clubes em determinadas localidades, e no caráter das atividades espor-

tivas nas escolas e praças que demonstram a posição política de quem as organiza e as pratica.

Tanto a nível individual e coletivo, de clubes, como de estados e países, a organização esportiva é influenciada pela questão política. Individualmente ou coletivamente, o homem se organiza para estruturar os meios para a realização de sua atividade esportiva. Nos clubes há a política eleitoreira dos cargos da diretoria, a política financeira de seus membros e atletas, a política dos treinadores, dos campeonatos. Em relação aos estados e principalmente aos países, a discussão se torna mais complexa, e é importante resolver vários pontos, tais como a questão racial, cultural, econômica, sobretudo as simpatias políticas e ideológicas, e, também, a forma organizacional de eventos esportivos de grandes dimensões como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos. Complementando, FEIO (1978:191) afirma que "o desporto, sobretudo o desporto espetáculo e as suas grandes organizações a nível internacional, criam condições emotivas suficientes para, chamando atenção de milhões de indivíduos, sustentar a divulgação das lutas ideológicas".

Após termos levantado essas reflexões, entendemos que, enquanto profissionais do esporte, uma complexa tarefa nos é destinada.

Assim, como os professores de outras disciplinas, o professor de Educação Física, também em sua prática pedagógica, prega concepções e valores ideológicos de uma classe dominante. De acordo com MARTINS (1984), embora inconscientemente, o professor constitui um componente útil, porque transmite idéias que não são suas, mas que, aparentemente, são coerentes com sua vida e com as de seus alunos, executando uma ação educacional sem avaliá-la e relacioná-la com o contexto social existente.

Apesar dos condicionantes que determinam a prática docente e que não nos cabe relacioná-los, no momento, acreditamos que "... a práxis pedagógica é a oportunidade para produzir o homem, objetivá-lo, tornando-o humano, o que afinal só é possível quando o homem está em relação com os demais homens" (MARTINS 1984:57).

De acordo com o que apresentamos, e certamente não estamos imunes ao fenômeno alienação,

parece-nos, segundo MARTINS (1984), ser ingenuidade pensar que a superação da alienação se dá apenas com a percepção crítica. Juntamente com o desenvolvimento da consciência crítica é necessária uma mudança radical da vida prática, tornando, então, a atividade politizadora e produtiva. Enfim, queremos dizer que não há esporte, em si, socialista ou capitalista, entretanto, deve haver professores críticos da sociedade onde vivem. Nós vivemos numa sociedade capitalista dependente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, R. O Corpo e as Palavras. In: BRUHNS, H. T. (Org.) **Conversando sobre o Corpo**. Campinas, Papyrus, 1985, p. 17-49.
- BASBAUM, L. **Alienação e Humanismo**. 6ª ed. São Paulo, Global, 1985.
- CARVALHO, A. M. de. **Cultura Física e Desenvolvimento**. Lisboa, Compendium, 1978.
- CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas, Papyrus, 1988.
- FEIO, N. **Desporto e Política: ensaios para a sua compreensão**. Lisboa, Compendium, 1978.
- MARTINS, M. A. V. **O Professor como Agente Político**. São Paulo, Loyola, 1984.
- MARX, K. e ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo, Moraes, 1984.
- NUNES, M. R. Esporte: instrumento de dominação pedagógica. In: DIEGUES, G. k. (Org.) **Esporte e Poder**. Petrópolis, Vozes, 1985, p. 69-77.
- SANTIN, S. **Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade**. Ijuí, RS, Unijuf, 1987.
- SANTOS, L. G. dos. **Alienação e Capitalismo**. São Paulo, Brasiliense, 1982.

* RODA BAHIA

“ABRE A RODA, MOÇADA. NÃO DEIXE A RODA FECHAR...”

Pois é. Essa roda não deve mesmo fechar, nem parar. E quando falamos em roda pensamos nas rodas vivas da vida baiana: capoeira, samba etc. E a Roda Bahia não pode ser diferente. Ela traz uma proposta de reunir todos os interessados nas Ciências do Movimento para uma reflexão das práticas corporais, buscando uma produção científica em um constante repensar do movimento. E, como uma roda girando, gerar cultura e questionar a sociedade, numa visão crítica da sua prática em um contexto sócio-político.

Esse grupo aponta, através de um processo dialético, para um estudo dinâmico, onde a organização e a apresentação de trabalhos de cunho científico ocorrerão regularmente. A Roda Bahia está aberta a toda comunidade interessada nas ciências do movimento, no sentido de contribuir para uma discussão dos assuntos expostos, visando a um amadurecimento das idéias e estimular acadêmicos para a produção científica.

Esta é a Roda Bahia que pretende girar de forma contínua e valente, ainda que alguns embaraços apareçam. E a Roda não vai parar, porque contém no seu eixo a estrutura sólida, conseqüente e acima de tudo comprometida com o pensar-agir-pensar, que é a base do desenvolvimento da consciência do homem. E sem ela jamais iremos transformar a sociedade que aí está.



* A Roda Bahia é uma proposta dos membros do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte — Bahia

NATARAJA

*José Wagner Silva Souza — “Wagner Nataja” **
*Marcia Cristina Julião dos Santos — “Marcia Plok” **
*Sergio Ricardo da Silva — “Sergio Guerreiro” **

O grupo Nataraja surgiu do interesse de alguns estudantes do curso de Educação Física, que fazem parte do Balé Primitivo da U. F. S. — Fruto de uma oficina realizada em meados de fevereiro e março do corrente ano, com objetivo de discutir as questões inerentes ao Homem Primitivo e a Dança da sua História, especificamente buscando o estudo e a pesquisa sobre as danças primitivas e os seus símbolos e significados no que tange à relação dessas danças na sociedade de consumo em que vivemos.

O grupo surgiu também em face da não veiculação de tais questões históricas no âmbito da Universidade, especificamente no Curso de Educação Física.

O Grupo Nataraja surge com a proposta, em forma de pesquisa, buscando o crescimento da dança e as bases antropológicas e sócio-históricas do movimento humano, situando a dança a partir do estilo de vida do homem primitivo e relacionando-a com nossa atualidade.

Além disso, contribui para a reflexão sobre o corpo na dimensão sócio-política, buscando o resgate da história do movimento humano, a compreensão das tatuagens históricas que trazemos no corpo, enquanto signos de opressão, dominação e exploração do homem em determinada época. Nossa intenção primordial é o resgate da consciência corporal como fator de libertação e ludicidade.

“O HOMEM PRIMITIVO E A DANÇA DA SUA HISTÓRIA”

Em face da sua experiência com o caos e da sua própria impotência, o homem primitivo teve necessidade de transcender a sua condição. A vida que se desenvolvia a sua volta, em constante mutação, fez com que ele se sentisse em sintonia com as plantas, os animais e as estrelas por meio de uma força única e universal que tem o poder de transformar tudo e de até estabelecer ritmos para essas mudanças. Ritmos com que ele procura exprimir o poder invisível e todas as aspirações de seu espírito. A dança foi, portanto, para o homem primitivo, o meio mais natural de transcender a sua condição humana.

No sentido cósmico, a dança é uma guerra, uma luta da luz contra as trevas, do bem contra o mal, constituindo-se, portanto, o meio de reinstaurar a ordem primordial do criador — in Revista Planeta (1990, pág. 41).

Diferenciada da dança moderna, que hoje se apresenta ao mundo de forma mais voltada para o consumo, perdendo os seus valores inerentes, a dança primitiva tem aspectos relacionados a magia, mistério, fantasia, religiosidade etc.”, por isso encontramos no samba, na lambada, danças modernas, ainda ritmos de significados primitivos, como o movimento de quadril, ou seja o centro da sexualidade.



A dança primitiva tem aspecto expresso através de sons e gestos imitados a sua volta, traduzindo, através do corpo, toda a sexualidade, alegria, tristeza, amor, nascimento, morte, ou tudo que

* Acadêmicos do Curso de Licenciatura em Educação Física e integrantes do Ballet de Dança Primitiva da U.F.S.

constituisse uma ocasião para dançar. A exemplo de expressão primitiva temos os Índios da América do Norte, com danças comemorativas em torno de um totem, que representa, para eles, o retorno do homem ao seu ancestral.

“O HOMEM PRIMITIVO E SEUS RITUAIS”

Há exemplos de alguns rituais utilizados pelo homem primitivo, na agricultura, os quais tornaram o dia de trabalho mais prazeroso e produtivo. Para ele, surgiram rituais que partiam, desde o preparar da terra ao pré-consumo do alimento, sendo:

- Cavar
- Semear
- Aguar
- Cortar
- Colher
- Transportar
- Pilar
- Peneirar
- Ralar

Além dos rituais acima mencionados, enquanto atividades relacionadas ao trabalho, é importante também mencionarmos outros rituais que possuem caráter lúdico, religioso e de luta, como:

- Lundu
- Maracatu
- Maculelê, etc...

Como vimos, nosso grupo é novo, com forte disposição à pesquisa do tema “O HOMEM E A DANÇA DA SUA HISTÓRIA”, buscando cada vez mais o aprofundamento deste tema na perspectiva de contribuição para reflexão sobre um outro projeto de Educação Física, onde o corpo, o ritmo, enfim, a dança sejam expressões da história do homem em movimento.

BIBLIOGRAFIA

REVISTA PLANETA — 1990, Mandala Edição Especial



GRUPO DE ESTUDO

“DEVIR”

*Gerfesson de Souza Neto **
*Simone Dias Oliveira **
*Jovani Alves Nascimento **
*Murilo Gomes da Silva Junior **
*Neudson de Oliveira Mangueira **
*Simone Ferreira dos Santos **

Raízes

Nasceu de um convite do professor Maurício R. da Silva, após o mesmo ter verificado o nosso desempenho participativo na sua disciplina — Recreação — no período 90/1, no Curso de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe.

Foi marcada uma reunião entre professor e possíveis integrantes do grupo, onde discutimos as possibilidades de se fazer um trabalho que coincidissem com as idéias de todos e atingissem nossas metas.

Assim, através deste trabalho, pretendemos despertar o interesse e a curiosidade dos demais acadêmicos e corpo docente, com relação a assuntos que dizem respeito à educação, ao lazer, aos esportes e aos eventos, dentro de uma visão crítico-analítica, através de leituras de textos sobre temas polêmicos na área de educação física. Além disso, tencionamos elaborar projetos de pesquisa, realizar intercâmbio cultural e científico com diversas instituições educacionais, e apresentar produções científicas em simpósios e seminários para possibilitar uma melhor relação afetiva e resistência à apatia imposta ao ensino de terceiro grau.

Esse espaço cedido pela revista MOTRIVIVÊNCIA é uma grande oportunidade para realizarmos um trabalho que inclui responsabilidade e, acima de tudo, dedicação, a fim de atingirmos as metas já expostas e demonstrarmos que educação física também é sinônimo de seriedade.

TRABALHO E LAZER

Introdução

Nesse artigo mostraremos as diferenças existentes entre trabalho/lazer pré e pós-revolução industrial.

Iniciaremos com as relações entre o trabalho e o lazer nas sociedades que antecederam a revolução industrial, mostrando que nestas não havia uma separação nítida. Logo depois, trataremos da evolução do trabalho e uma conseqüente divisão que passou a existir após a revolução industrial entre trabalho/lazer, acompanhado de um conceito de lazer.

No segundo capítulo apresentaremos concepções de lazer/trabalho pertencentes a diferentes correntes filosóficas e, também, as funções e características mais importantes dessas atividades.

Evolução do trabalho e do lazer

É difícil fazer-se análise em separado do que venha a ser binômio trabalho/lazer, pois, se verificarmos o próprio conceito de lazer, veremos que este está sempre associado ao trabalho.

Nas sociedades tradicionais, tipicamente rurais, e mesmo nos setores urbanos, ainda, não industrializados, observa-se o ritmo de trabalho onde eram comuns os intervalos para conversas e até mesmo uma execução de tarefas ao som de cantos (cantigas de trabalho). Os locais de trabalho chegavam a se confundir com a própria morada. A produção era unida, quase que por total, ao seio da família. A partir dessas características, percebe-se que não havia uma separação entre trabalho e lazer, nem uma caracterização desse binômio.

Já nas sociedades modernas, principalmente nas urbanas, em vista da industrialização, percebe-se uma divisão social do trabalho que separa as pessoas em grupos variados, obrigando-as a trabalhar no ritmo das máquinas, impossibilitando aquela socialização vista nas atividades das sociedades tradicionais. Agora, já se percebe a caracterização da divisão do binômio trabalho/lazer, pois

* Endereço para Correspondência: Av. Rio Grande do Sul nº 1307, bairro Siqueira Campos — Aracaju/SE, CEP: 49050

o lazer já começa a aparecer como uma necessidade do trabalhador fora de sua atividade profissional (Marcelino, 1987).

Baseados neste estudo é que concordamos com o conceito de lazer descrito por Dumazedier in Marcelino (1987, pag. 25) da seguinte maneira: "Conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações, profissionais, familiares e sociais".

Concepções Funções e Características

Para entendermos a relação entre lazer e trabalho e até mesmo para um estudo sobre estas questões que vêm tornando-se enfatizadoras e ganhando espaço nas concepções dos estudiosos desta área, é necessário citarmos alguns conceitos sobre os determinados termos.

A concepção atribuída por Dumazedier, vista anteriormente, diferencia-se do vocabulário técnico-científico que atribui ao lazer uma mera definição de: descanso, liberdade, folga, ou seja, algo sem compromisso.

O lazer, com o passar do tempo, vai adquirindo novos valores, referenciando novas concepções. Nessas novas linhas de concepções surgem críticas e pregações tanto cristãs quanto materialistas.

A Igreja reduz o lazer a mero complemento ou compensação do trabalho estafante; os marxistas privilegiam o trabalho como sendo fonte de realização, porém defendem o tempo fora do trabalho, não necessariamente o lazer, uma vez que, em Marx, encontram-se textos dos dois gêneros. Existem, pois, influências marcantes dos valores do trabalho sobre o lazer, o que provoca uma série de equívocos quanto ao seu significado.

É bom ressaltar que, com a industrialização, as pessoas passam a compreender de forma diferente o que significa lazer, pois o sentido deste varia de acordo com a situação sócio-econômica, a faixa etária e até mesmo o sexo das pessoas. Com isso, o uso do termo "lazer", fica restrito a atividades específicas ou a julgos de valor a ele associados.

Na análise sobre o que venha a ser especificamente trabalho, nós encontramos diversas concepções de diferentes autores que serviram de base para atingirmos uma visão geral do seu significado.

Colson in Friedmam (1973, p.20), declara: "O trabalho é o emprego que faz o homem das suas

forças físicas e morais para a produção de riquezas e serviços". Para os indivíduos com essa concepção, a atividade de trabalho se distingue essencialmente pela finalidade, pela utilidade, pelo valor dos produtos que cria.

Já Bergson, in Friedmam (1973, p.20), afirma que "o trabalho deve criar utilidade".

Friedmam et alii (1973, p.20), define "trabalho" como sendo "o conjunto das ações que o homem, com a finalidade prática, com ajuda do cérebro, das mãos, de instrumentos ou de máquinas, exerce sobre a matéria, ações que, por sua vez, reagindo sobre o homem, modificam-no".

O fenômeno do trabalho na sociedade contemporânea não equipara todos os comportamentos do "homo-faber". As atividades do homem não são necessariamente rurais ou industriais. Não consistem exclusivamente em atividades de produção de bens de consumo. Sob este aspecto, na medida que supõe coação, o trabalho se diferencia, em muitos casos, da ação, que é liberdade. Trabalho é ação quando se alimenta de uma só disciplina livremente aceita. Assim, o trabalho, por si só, não realiza necessariamente o homem nem traz, em consequência do seu avanço, o lazer como recompensa.

Após a revolução industrial, o homem passou a ser comandado como uma simples máquina que, após suas diversas funções, necessita de um simples reparo, como lubrificação, limpeza para voltar a funcionar. As empresas e indústrias exploram bem isto, oferecendo como "reparo" um simples "espaço no tempo livre, para prática de algumas atividades físicas e desportivas, confundindo-as com lazer e que, na verdade, é utilizado para repor as energias gastas pelo trabalhador no tempo de trabalho, a fim de produzir mais.

Funções de Lazer e de Trabalho

O lazer apresenta as funções de descanso, tanto físico quanto mental, de divertimento (como superação da monotonia quotidiana verificada nas tarefas obrigatórias), embora exista uma pequena parcela da população dizendo-se realizada no seu trabalho e que não o vê como monotonia quotidiana, e sim como uma atividade gratificante. Na maioria desses casos, os indivíduos tiveram a chance de escolher a sua atividade diária, entretanto isso não ocorre com grande parte da massa populacional, pois, nas atividades (principalmente as industriais), existe um divisão social do trabalho, que está cada vez mais especializado, impedindo, assim, o senso de ajuda mútua e fortalecendo cada vez mais o individualismo.

Torna-se difícil citar funções de trabalho que não estejam associados às funções de exploração, porém alguns autores conseguem resgatar algumas

funções fora deste sentido, como é o caso de Friedmam no seu livro, "Sociologia do trabalho" em que supõe duas funções:

— **distração** — entende-se nesta função o trabalho como vocação do indivíduo, ou seja, algo que lhe realize com gosto, dentro de sua própria vontade.

— **compensação** — esta função não foge muito da primeira, pois parece ser dela um complemento, ou seja, o indivíduo é reconhecido por aquilo que ele faz e é recompensado dentro das perspectivas esperadas.

Características

O trabalho caracteriza-se por uma busca desesperada de metas que já são preestabelecidas, cabendo ao trabalhador apenas o dever de cumprir suas tarefas, para que tais metas sejam atingidas. O objetivo principal dessa busca de metas é uma coletividade maior e, conseqüentemente, o lucro ou a subsistência; o lucro, é óbvio, do empresário; a subsistência, do trabalhador.

O lazer, ao contrário, é um momento caracterizado pela liberdade. Nele as pessoas liberam sua criatividade e escolhem aquilo que querem fazer sem um preestabelecimento nem uma busca desesperada de metas, pois não há o objetivo do lucro nem a preocupação com os rendimentos ou resultados, havendo apenas o desenvolvimento do lúdico, que predispõe, como já foi dito, os indivíduos a uma libertação.

Conclusão

Após este relato abordando o tema "lazer e trabalho", faz-se necessária uma análise geral sobre os termos aqui referenciados.

Vimos que, ao longo dos anos, as concepções, funções e características de lazer e do trabalho vêm transformando-se cada vez mais. O trabalho vem sendo fonte de exploração do homem, não só por obrigá-lo a uma luta excessiva contra o tempo, como também por utilizá-lo para atingir objetivos que nem sempre são seus.

Percebemos que, com a revolução industrial, os indivíduos passam a ser tratados como "máquinas" e, em contrapartida, o lazer vem perdendo espaço cada vez maior na vida das pessoas, que, ainda ingenuamente, confundem-no com o tempo livre. O lúdico, o irreal, o simbólico, o criativo, têm sido esquecidos cada vez mais.

É preciso viver o divertimento, o tempo livre, fora das regras tradicionais, e buscar novas regras capazes de transformar a sociedade.

Assim, "concluímos" que, por ampla determinação, lazer e trabalho são termos que essencialmente se completam, se forem realizados com inteira vocação e prazer.

BIBLIOGRAFIA

- DUMAZEDIER, Joffre. — "Sociologia Empírica do Lazer", 1ª ed., Editora Perspectiva, São Paulo/SP, 1979.
- FRIEDMAM, Georges e NAVILLE, Pierre. — "Tratado de Sociologia do Trabalho", 1ª ed., Editora Cultrix. São Paulo/SP, 1973.
- SANTIN, Silvino. — "Educação Física: Uma Abordagem Filosófica da Corporeidade", Editora Unijui, Ijuí/RS, 1987.
- MARCELINO, Nelson C. — "Lazer e Educação", Editora Papiros, Campinas/SP, 1987.

O CORPO AINDA PROIBIDO E MALTRATADO

Dr. José A. Gaiarsa *

Sim, ainda proibido e maltratado, apesar de todos os discursos e conversas em contrário.

A confusão se deve ao fato de termos dois corpos e ao fato de ninguém separar um do outro.

Temos o **corpo que se vê** — que os outros vêem e que eu também posso ver em um espelho ou em uma gravação — a **figura** do corpo. Mas há também o corpo **que se sente** e este continua tão negado quanto sempre foi.

O primeiro está muito na moda e correm bilhões e bilhões de cruzeiros em cosméticos, em roupas, em academias de modelagem corporal, em mil desfiles, concursos e campeonatos esportivos.

Até as mães — o maior reduto moralista da sociedade — sentem orgulho e satisfação se a filhinha querida se apresenta elegante em micro-saia, ou se vence um concurso de beleza mostrando-se praticamente nua para o mundo. **Ter sucesso** exibindo o corpo **para que ele seja visto** pode, ficar bem, todo mundo gosta e quer.

Mas o corpo **que se sente continua proibido**. Aquela mesma mãe que adorou ver a filha nua em público, a vigia o tempo todo para que **ninguém mexa nela**. E haja sermões sobre reputação, olha a fofoca, o que dirão os outros e até sobre o bom nome da família...

O que é, afinal **o corpo que se sente**? Curiosa pergunta, pois a resposta parece óbvia demais. Mas não é.

Consideremos as Técnicas (note-se o termo) corporais em Psicoterapia. O que pretendem estas "técnicas"?

Pretendem "libertar o corpo de suas amarras, de suas inibições, de seus bloqueios" — aceitando-se que todos estes bloqueios são de origem familiar e social. Pretendem, sabendo ou sem saber, tirar o indivíduo da intrincada rede de preconceitos que envolvem quase todas as **sensações corporais**.

Por que o corpo **que eu sinto** — que eu posso sentir — é a soma de sensações provenientes deste corpo, seja quando isolado, seja quando em **contacto**.

Reaver o corpo, perceber que eu tenho corpo, voltar a sentir o corpo significa ter contacto —

contacto — comigo, e com outra ou outras pessoas.

Esses dois tipos de contacto só existem ou só são percebidos em situação amorosa. Aí pode.

Mas quem nunca teve ou pouco teve contacto, com outros ou consigo mesmo, não é uma pessoa capaz de acariciar — arte sobremodo importante e por demais esquecida, ignorada — ou condenada.

Desde muito pequeno somos insistentemente convidados a fazer de conta que não temos sensações corporais, sobretudo as mais gostosas, as sensações eróticas ou sensuais.

Comer pode — as sensações de prazer alimentar são as únicas que as mães adoram e permitem — sem restrições. As sensações amorosas não pode — nem com elas, com as mães. Pouquíssimas mães têm contacto **erótico = prazenteiro** — com seus filhos. Nossos péssimos costumes familiares, hipocritamente puritanos (em família sexo não existe), fazem com que as pessoas se afastem umas das outras desde muito cedo. Por isso ninguém aprende — e pois ninguém sabe — entrar em contacto, fazer carícias, receber carícias. Somos crus até para dar um abraço, que muitas vezes ou apenas se sente ou, no extremo oposto, é sufocante, muito apertado, forte demais.

Que dizem todas as estatísticas sobre sexualidade? Que os homens são por demais **monótonos** na cama, fazendo o pouco que fazem sempre do mesmo modo, estereotipado, egolsta, com pouca presença, pouca criatividade, um sexo maquinal, sem versatilidade e sem consciência do que se está fazendo.

As mulheres pior ainda. Sofrendo repressão sexual mais intensa que a do homem elas tendem a comportar-se como bonecas eróticas — a ficar imóveis, ou a realizar mil gestos e posições que tendem a **negar** o que elas estão fazendo: olhando para cima ou para longe, voltando o rosto para o lado oposto ao do parceiro, contraindo os dedos dos pés, mas sobretudo fazendo cara e exibindo modos que dizem: "não tenho nada a ver com isso que está acontecendo...".

Tanto homens como mulheres, durante o en-

* Autor de diversas obras sobre o corpo, entre elas, "O que é corpo" da série "Primeiros Passos".

aflita, meio desesperada, frenética, agitada e até agressiva. Ora segundo mestre Reich, se as pessoas se **mostram** assim, é porque elas se **sentem** assim — e o espetáculo não é dos mais bonitos de se ver.

Tanto Reich como Tantra dizem coisas muito parecidas que o encontro sexual pode ser lento, consciente, terno, amoroso, uma verdadeira “Meditação amorosa”.

Mas quem acredita nisto depois de toda a **falta de educação** que recebeu?

Por que em nosso mundo **não há nada e ninguém** que dê nada de parecido com uma educação sexual que não seja moralista ou fisiológica.

Nada e ninguém. Porque ninguém sabe!

Por isso hoje começam a aparecer os Sexólogos.

A profundidade de nossas repressões sexuais pode ser medida pelo seguinte fato: nem mesmo na masturbação as pessoas fazem variações, a maioria realiza o ato de modo furtivo, não muito conscientemente, e **sempre do mesmo modo**.

Comem todos arroz com feijão a **vida toda, seja sozinhos, seja com um parceiro. E somente arroz com feijão...**

Frente à possibilidade de variações intermináveis, as pessoas se limitam a uma experiência miserável de uns poucos minutos e, segundo tudo indica, é quanto lhes basta.

É o que dizem. Mas não sei se lhes basta, ou se **têm medo de variar** — de perceber que, na meditação erótica, se plenamente consciente, encontramos de forma bem sensível a demonstração de que somos **criação contínua** — prazer eterno.

Até aqui falamos do encontro amoroso, única hora durante a qual as pessoas mantêm alguma espécie de contacto físico, e onde se aceita que haja troca de carícias.

Mas depois da publicação do livro “Tocar” — O significado humano da pele, de Ashley Montagu (Ed. Summus, S. Paulo, 1988); depois desta publicação é preciso repensar as carícias, e os movimentos que **fazem** as carícias. Num alentado volume de 400 páginas, com uma bibliografia monumental, Ashley demonstra, com numerosas experiências feitas com animais e com pessoas, que o contacto entre duas pessoas e as carícias que elas possam trocar — **independentemente da sexualidade = têm valor biológico altíssimo**. Contacto e carícias estimulam poderosamente o sistema imunitário e são com certeza o melhor “remédio” que existe para reduzir o famoso “stress”, afora mil outros efeitos benéficos. E não são benéficas **apenas**, para crianças (filhotes).

O corpo, portanto, não é só nem está presente somente nas horas sexuais; seria ótimo se ele estivesse presente em muitas outras horas, não só pelos seus efeitos fisiológicos, como por

seus efeitos psicológicos: contacto vivo, quente, envolvente e macio com outra pessoa é o modo de nos persuadir, bem no fundo de nossa animalidade saudável, de que o mundo é lugar bom onde **viver**; sentir sensações de contacto nos dá **prazer e segurança** — a tão procurada segurança que todos desejam, que todos procuram e que tão poucos encontram.

E agora, leitor, depois desta crítica panorâmica, vamos fazer um teste para verificar o teu grau de aceitação do corpo (das sensações corporais). Voltemos às técnicas corporais em Psicoterapia e as suas origens em Reich (Ignorando tudo o que se faz e diz no Oriente).

Dizia o mestre — em momento de inspiração — que a pior de todas as angústias é a **angústia de prazer**. O termo não é dos mais felizes. É claro que as pessoas habitualmente não sentem muita angústia ao experimentar **prazeres conhecidos** ou **modos de desempenho sexual sempre igual**. O que as pessoas temem acima de tudo é o **prazer novo**, aquele prazer que faz acordar, entranhar e desconfiar... “O que está acontecendo comigo? Nunca senti isso em minha vida... Esse prazer é temido e quem o desperta em mim na certa é uma bruxa...”

Bem no fundo, o que as pessoas mais temem é **variar**, isto é, **desenvolver-se**, experimentar o mundo como uma soma de coisas continuamente novas — um mundo em eterna mutação — e pleno de incertezas.

As pessoas temem acima de tudo **viver perigosamente**; de outra parte, é aquilo que mais desejam, como se vê pela admiração de quase todos frente a um 007...

Agora o teste. Veja como você se sente frente às declarações seguintes, referentes às técnicas corporais em Psicoterapia.

Como ninguém tem muita experiência com o próprio corpo, nem com carícias de pele — leves — nem com **movimentos**, a terapia deveria consistir em proporcionar às pessoas, a **maior variedade possível de sensações corporais, de pele e de movimento, inclusive muito do que se sente** quanto as zonas erógenas e genitais **são tocadas**. Com uma condição: presença **total permanente**.

Qual a sua impressão frente a essa declaração?

Isso é terapia para você? Você seria capaz de ser terapeuta usando esta “técnica”? Você seria capaz de ser “paciente” de um terapeuta que procedesse assim?

É muito pouco provável. O próprio Reich e, depois dele, todos os seus seguidores (bioenergéticos) evitaram e evitam cuidadosamente **produzir prazer** nos seus pacientes. Escolheram, quase todos, o caminho das manobras pesadas, destinadas a despertar dor, raiva e medo.

Fazem com os pacientes aquilo que já foi

contro amoroso, ou se contêm muito ou, ao contrário, mostram tudo aquilo que se convencionou chamar **força do instinto**: gemidos, agarramentos e movimentos todos sugerindo com força — basta ter olhos para ver que a pessoa está MUITO feito com eles muitas vezes; maltratam quem já foi bastante maltratado — porque ninguém sabe

acariciar, nem produzir ou sentir prazer sem culpa, sem vergonha e sem medo.

Triste mundo o nosso onde uma pessoa em cada **cinco** é cronicamente deprimida.

Mundo sem contacto.

Portanto mundo sem vida.

Morrendo.



A MOTRICIDADE HUMANA — UMA REVOLUÇÃO CIENTÍFICA

Manuel Sérgio *

1. A Educação Física está em crise, como todas as áreas do conhecimento. De fato, só não está em crise o que está morto. A educação Física moderna, nascida em fins do século XVIII e dividido em *res cogitans* e *res extensa*, mas sublinhando que o corpo humano era máquina (não autopoiética, mas alopoiética).

Ora, é evidente que o corpo humano não é o que a fisiologia descreve, nem o que a anatomia desenha, nem o que a biologia, em suma, refere. Porque o corpo é a materialização da complexidade humana. Razão tem Edgar Morin, ao escrever: "o ser humano não é físico pelo seu corpo" (O Método 1. A Natureza da Natureza). De facto, ninguém tem um corpo. Há uma distância inuldfvel entre mim e um objecto que possuo: posso delat-lo fora, sem deixar de ser quem sou. Com o meu corpo não sucede o mesmo: sem ele, eu deixo de ser quem sou. Por isso, o meu corpo não é físico, no sentido cartesiano do termo, não é *Korper*, mas o fundamento de toda a minha existência e de minha própria subjetividade, o *Leib*.

Por outro lado, verifica-se, a partir da década de 60, nesta área do conhecimento, um novo discurso centrado, quer no movimento quer na motricidade, anunciador do corte epistemológico ou, se se quiser, da mudança de paradigma. Que aliás é também visível quando (sem grande investigação epistemológica, dado que se descamba numa visão unilateral da motricidade humana) se substitui a Educação Física pelas Ciências do Desporto...

Assim, só pode entender-se a Educação Física como a pré-ciência da Ciência da Motricidade Humana, à qual se vinculam todas as condutas motoras em que o Homem persegue a superação e o sono, nomeadamente o desporto e a dança, mas sem esquecer a Educação Especial e Reabilitação, a Ergonomia, o Jogo Desportivo típico do Lazer e Recreação e a Motricidade Infantil.

Dentre estas condutas motoras, o Desporto ocupa, de fato, lugar de relevo pelo que representa de corporeidade integralmente assumida e vivenciada; de procura de performance em busca de mais ser; de competição-dialógo, dentro de regras que

tornam real a essência humanizante da prática desportiva; de espetáculo próprio de uma sociedade que assenta no rendimento e na competição, a todos os níveis; de um conjunto codificado de técnicas, altamente racionalizadas e especializadas, de acordo com o modo de produção capitalista e industrial.

A uma distância crítica, é possível encontrar, nele, mais do que técnica, um tecnologismo, isto é, um novo messianismo, onde a libertação viria na e pela sociedade tecnológica. Só que este tipo de sociedade gera o homem unidimensional, mediante uma linguagem puramente informativa, que perdeu o seu caráter de apelo e diálogo, e recusa o estatuto fundamental na historicidade e da pluri-diversidade do real.

Mesmo assim, ainda é no desporto e na dança que a apoteose do trabalho e a interdição da festa, típicas da sociedade unidimensional menos se acentuam. Tendo em conta, no entanto, que a cultura exprime totalidade social, a qual, nos dias que passam, tende a gerar o homem tecnológico, sem densidade nem espessura, incapaz de descortinar para além do sensorial e do imediato...

Seja como for, é bem evidente que a Educação Física é tão-só uma tradição disciplinar, não uma autonomia disciplinar. Como tradição disciplinar pode ser ensinada, mas sem autonomia disciplinar dificilmente se investiga e se constitui em comunidade científica. A Educação Física nunca precisou de autolegitimar-se epistemologicamente, ou seja, de encontrar em si as formas e as razões da sua própria cientificidade, precisamente porque o Poder sempre se serviu dela e nunca a serviu como instrumento insubstituível de conhecimento e transformação.

Ora, chegou o momento de terminar, de vez, com uma anarquia epistemológica vigente (não me refiro à que Feyerabend propugna) e tentar o acto da legitimação epistemológica, não só através da ciência da motricidade humana ou da investigação nesta área do conhecimento, mas do ensino da motricidade humana em versão universitária. Não podemos continuar naquela tendência psicológica

* Professor associado da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa. Professor Visitante da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP-BRASIL)

que adota como critério de legitimação o interesse da juventude pelas atividades corporais, nem a **tendência sociológica** que toma como critério essencial a sua importância na saúde das populações, nem a **tendência pedagógica** (de que se socorrem afortunadamente todos os saberes, sem autonomia) que sublinha numa disciplina tão-só o seu valor formativo.

E por quê? Porque uma disciplina só se legitima "em função do papel que uma determinada época lhe atribui no quadro geral da organização dos saberes" (Olga Pombo, in Associação dos Professores de Filosofia, **A filosofia face à cultura tecnológica**, 1980). Formulando hipóteses que ultrapassam o campo do estritamente observável, e aceitando a competição dos testes que procuram refutá-las — uma disciplina surge e mantém-se, quando os fatores internos e externos se articulam, no **texto da coerência lógica e da evidência empírica e no contexto do plano sócio-cultural**.

Todavia, dado que a ciência da motricidade humana tem as condições necessárias para nascer, isto é, porque uma **revolução científica** (Kuhn) se anuncia nesta área do conhecimento, dentro de um espírito de **continuidade** no progresso e **descontinuidade** na sua manifestação — é tempo de caminhar para uma **ciência normal** que desafia as premissas da fase pré-paradigmática de que a educação física, desde Ling, Amorós e Jahn, ainda não se libertou, é tempo, em poucas palavras, de encontrar a inteligibilidade da mudança na cultura ... de que todas as ciências são parte integrante! Por esta razão muito simples: para que, na história da motricidade humana, torne-se visível o **paradigma emergente** de que outros saberes já se ufanam.

2. A Educação Física e o Desporto fizeram, muitas vezes, do corpo humano quase uma simples máquina. De acordo com o anátomo-fisiologismo do tempo. Então, fazia sentido proclamar que se educavam físicos: hoje, só faz sentido dizer-se que se **educam homens em movimento que querem transcender e transcender-se**.

Partindo do contributo de fenomenologia e da hermenêutica, o que supõe, hoje, um conceito de motricidade?

— Uma visão sistêmica do homem (que o mesmo é dizer: em termos de relação e integração). "A visão sistêmica dos organismos vivos é difícil de ser apreendida a partir da perspectiva da ciência clássica, porque requer modificações significativas de muitos conceitos e ideais clássicos. A situação não difere muito daquela que os físicos defrontaram nas primeiras três décadas deste século, quando foram forçados a fazer revisões drásticas em seus conceitos básicos da realidade, a fim de compreenderem os fenômenos atômicos. Esse paralelo é ainda corroborado pelo fato

de que a noção de complementaridade, tão crucial no desenvolvimento da física atômica, também parece desempenhar um importante papel na nova biologia sistêmica" (Fritjof Capra, **O Ponto de Mutação**).

— A existência de um ser especializado e carenciado, aberto ao mundo, aos outros e à transcendência. "O homem excede infinitamente o homem", de Pascal, dá bem a medida do dinamismo de transcendência que o habita. O homem é, de fato, um peregrino do absoluto, porque viver é sentir a contingência da nossa condição atual, e ... tentar superá-la!

— E, porque aberto ao mundo, aos outros e à transcendência, e deles carente, um ser prático, procurando encontrar e produzir o que, na complexidade, lhe permite unidade e realização, "o homem é um processo, precisamente o processo dos seus atos", disse-o Antônio Gramsci (Concepção Dialética da História, Editora Civilização Brasileira SA). Mas os seus atos, porque partem de um ser incondicionado (Viktor Frankl), forçam por ser vias autênticas de libertação integral... na angústia, e na esperança: na angústia, ou no sentimento da nossa carência ontológica; na esperança ou no pressentimento de uma plenitude futura.

— E porque ser prático, com acesso a uma experiência englobante, agente e fator de cultura, projeto originário de todo o sentido, memória do mundo, e ser axiotrópico (que persegue, aprende, cria e realiza valores), não é ao nível do puramente animal, mas do intrinsecamente cultural, que o homem conhece e se conhece, transforma e se transforma.

Por seu turno, a motricidade constitui:

— uma energia... que é estatuto ontológico, vocação e provocação de abertura à transcendência — para S. Lupasco (*Les trois matières*, Paris) todo o sistema é feito de energia;

— o processo adaptativo, a um meio ambiente variável, de um ser não especializado e, por isso, em que o ritmo evolutivo, incluindo as estruturas do sistema nervoso central, é lento, implicando a existência de uma demorada puberdade e de uma família estável e duradoura.

— O processo evolutivo de um ser, com predisposição à interioridade, à prática diagonal e à cultura — e, porque um ser com predisposição à interioridade, à prática diagonal e à cultura, integrando paulatinamente padrões de comportamento e novos quadros teóricos, necessários à criação e manutenção do meio artificial e informacional, indispensável à sua sobrevivência e desenvolvimento.

— o processo criativo de um ser em que

as praxias lúdicas, agonísticas, simbólicas e produtivas traduzem a vontade e as condições de o homem se realizar como sujeito, ou seja, como autor responsável dos seus atos: designam, além disso, a capacidade (e o direito) de construir uma situação pessoal de maturidade e de sonho, que torne possível uma existência liberta e libertadora e que adquira a expressão do inédito e do absoluto.

Mas... qual a problemática geral que possibilita e anuncia o corte revelador do que adiante denominaremos por **Ciência da Motricidade Humana**? Eis alguns marcos da estrada longa e larga dessa problemática:

- a revolução industrial inglesa, de há mais de 200 anos, que lança os fundamentos materiais do império atual da técnica;
- a revolução mental da *Aufklärung*, des-teocratizante e desteologizante, onde já se escutam os ecos da secularização hodierna (um exemplo: enquanto a história, de Bossuet, quer ser universal, mas toda a sua universalidade consiste em dizer a Bíblia já disse tudo, Montesquieu, no *Esprit des Lois*, rejeita a introdução da teologia, na História, e procura as leis reais das condutas dos homens);
- a revolução política francesa, demolidora das estruturas petrificadas e ancilosas do *Ancien Régime* e fomentadora, à escola europeia e americana, do princípio da liberdade;
- aumento da longevidade e melhoramento das condições de saúde, designadamente na 3ª idade, devido a importantes progressos da medicina;
- os também notáveis progressos, nos campos da etnologia e da etnografia;
- as descobertas e os estudos, no âmbito da anátomo-fisiologia, que permitem a Ling e a Demeny, entre outros, a teorização da ginástica, sem objetivos exclusivamente terapêuticos;
- a revolução nitscheana de Zarathustra, proclamando a superioridade do **super-homem**, do **sede duros**, do **permanecer fiéis à terra**, da **transmutação de todos os valores**, após a **morte de Deus**, e erguendo um hino ao "corpo elevado, ao belo corpo, vitorioso e reconfortante, em torno do qual todas as coisas se fazem espelho, ao corpo leve que persuade, ao dançarino, cuja expressão e cujo símbolo é a alma contente de si mesma";
- o aumento dos tempos livres, mormente, do lazer desportivo, quer na forma de des-

porto-para-todos, quer na forma de desporto altamente competitivo;

- a concentração urbana, a extensão e celeridade das comunicações e a chamada **cultura de massas**;
- a revolução freudiana, reduzindo as energias da psique à massa pulsional da libido e dando ao corpo papel de relevo na reflexão antropológica;
- a "monarquia do sexo" (Foucault), na qual não só o sexo é vigiado e regulado, mas, acima do mais, torna-se em inteligibilidade do nosso próprio ser;
- a revolução cibernética e a revolução biológica do ADN, chave do código genético;
- o reconhecimento de que a educação motora, racionalmente orientada, deve integrar o ato educativo;
- a medida preventiva e a curativa que, amíde, se socorrem das condutas motoras;
- o anticartesianismo das atuais teorias sobre o homem e a integração constante da corporeidade na complexidade humana.

E assim nasce uma nova antropologia. De fato, o homem, depois de ter conquistado (e devastado, segundo os ecologistas) a natureza, volta-se agora para si mesmo. E no quadro geral das ciências despontam irremovíveis as **ciências do homem**, nas quais os temas centrais são a **totalidade**, a **linguagem**, a **práxis** e o **futuro**. E o que são imediatamente a **linguagem** e a **práxis** senão corporeidade, motricidade? Poderá dizer-se, porém, que a motricidade humana constitui uma ciência autónoma? É ilícito o provocar a reflexão sobre o **corte epistemológico** nesta matéria? Já refletimos sobre algumas tendências culturais dominantes, nos nossos dias, para erguê-las ao conceito e daí tentar a sua visualização, a sua perspetivação e a sua crítica. Mas será possível falar-se de um processo de construção teórico, estritamente demonstrativo da ciência da motricidade humana?...

Porque a ciência é **conhecimento** e estamos em face da motricidade humana (e portanto do homem), há que partir sempre da complexidade constitutiva do humano. Apelar para a categoria de complexidade (ou totalidade) significa ter em conta as estruturas envolvidas em cada questão. Ora, não se pode tentar conhecer o homem, sem um fundo de relação com a corporeidade e motricidade.

Porque a ciência há de ser **sistemática**, pois que, doutra forma, não constituiria um corpo coerente de questões, é forçoso que se enunciem os objetivos e as constantes tendências (leis?) aplicáveis aos diversos fenômenos do comportamento motor. E torna-se imprescindível também o consenso da **comunidade científica**, no que res-

peita à validade das **constantes tendências (leis?) e dos objetivos**. Sentimo-nos longe das épocas estáveis em que, sob a nuvem da crença ou o cimento da ciência, uma comum **forma mundi** era aceita, sem esforço, pelos homens da ciência e da filosofia. De qualquer forma, com alguma argumentação discursiva e demonstrativa, torna-se indispensável falar das leis (constantes tendências?), partindo do **corte epistemológico** que desponta, irrecusável, de Jean Le Boulch e Pierre Parlebas em diante. Há, de fato, a partir de então, uma linguagem nova, que se diferencia das linguagens científicas utilizadas e que surge como veículo coerente de uma resposta científica às exigências do tempo presente. Estamos, com efeito, em presença de um verdadeiro glossário:

- corpo-instrumento;
- ciência do movimento humano;
- psicocinética;
- motricidade humana;
- conduta motora;
- etc.

Nenhuma ciência préexiste à linguagem que lhe dá forma, e, assim, o surgimento sistemático de novas palavras exprime a existência de uma nova problemática disciplinar. Mas aludamos, agora, às três leis que interferem na criação e na expressão do comportamento motor: **lei do reflexo**, porque em todo o comportamento motor impossível se torna apagar as coordenadas de espaço, tempo e cultura, em que ele se gerou; **lei do gênero**, porque as condutas motoras, pelo simples fato de serem o que são, possuem o seu campo e não outro (a ludomotricidade, a ludoergomotricidade, a ergomotricidade são condutas motoras distintas, conquanto cabendo todas no vasto mundo da corporeidade ou da motricidade); **lei do gênio**, porque as condutas motoras, se são reflexo, são também projeto, por força da subjetividade do indivíduo.

Porque a ciência se deve **comunicar**, o léxico repetante à ciência da motricidade humana deve entender-se como trabalho de extremo relevo. Demais, o próprio labor científico já fabrica uma linguagem distinta da linguagem corrente. A **comunidade científica**, respeitante à motricidade humana, vê-se, desta forma, obrigada a trabalhar no domínio da linguagem, não só porque a ciência nasce, de fato, como a linguagem, mas também porque a comunicação interdisciplinar dela necessita. Por fim, porque toda a ciência busca a **compreensão**, com sobrados motivos tal acontece em relação às ciências do homem e, por conseqüência, à ciência da motricidade humana, a qual postula uma relação gratificante e solidária **homem-natureza**, que não se pauta por critérios de produção e consumo, mas pela descoberta de um novo mo-

delo cultural donde ressalta um vínculo ético é afetivo com o cosmo. A esse ângulo de visão, a motricidade não é a mera **Kinesis** do mecanismo — é a dimensão fundamental do operar humano. A grande mensagem da ciência da motricidade humana à sociedade hodierna resume-se em poucas palavras: nunca a vigência de um dualismo se saldou pelo reconhecimento da eminente dignidade da pessoa humana. Ao invés: esteve sempre na raiz das suas mais lamentáveis derrotas. Será preciso invocar o dualismo cartesiano, que chegou aos extremos do **corpo=instrumento** e do **homem=função**?

E qual a **problemática disciplinar**, onde se colhem o corpo teórico, a explicação dos fenômenos em questão e a tendência geral do seu movimento, elementos indispensáveis à constituição de uma ciência? Podemos conferir-lhe as características seguintes: **auto-organização** subjetiva, complexidade-consciência, inter-relação natureza/cultura, práxis transformadora, cinefantasia, primado do todo em relação às partes, linguagem e existência de um discurso inadequado ao uso corrente. **Auto-organização subjetiva: há no ser humano uma organização que a si mesma se gera (computa-se)** em função das suas necessidades vitais, e é nesta organização que a motricidade se insere e é como sua expressão, comunicável de homem para homem, que ela rompe a ordem de um simples movimento físico — **intimidade e abertura**, eis o que a motricidade nos revela do homem, como ser existente e coexistente; **complexidade-consciência**, ou seja, tensão entre o uno e o múltiplo, entre a complexidade do humano e a unidade consciente da sua totalidade; a **inter-relação natureza/cultura** significa e esclarece que a carência de especialização motora, no homem, exige a cultura como exercício criador e de aprendizagem; pela práxis transformadora, o homem abre acesso à transcendência e toma consciência que não é **objeto**, mas **sujeito** fazedor da história; a **cinefantasia** diz-nos que a motricidade humana depende de uma **decisão** em que se fundem, de forma inequívoca, consciência e sonho; **linguagem e existência de um discurso inadequado ao uso corrente**, dado que, no caso específico da ciência da motricidade humana, já é possível verbalizar a sua prática científica, utilizando um **stock lexical** inconfundível, o qual vai permitir à respectiva comunidade científica que constitua um corpo coerente, intercomunicante, institucionalizado, auto-regulado, emancipado (todo o corte epistemológico supõe novos **textos**, invoca novos **contextos**, exige novos **discursos**). **O primado do todo em relação às partes** quer dizer:

- que o homem não é tão-só o simples indivíduo biológico, perdido na eco-organização, mas o ser eminentemente social, que

exige a diversidade dos indivíduos na unidade da espécie;

— que, no homem, a motricidade não é um fenómeno isolado, mas uma reacção e expressão do ser humano global;

— que o homem é uma totalidade complexa em devir.

3. Conclusão

O que se pretende com a criação da **ciência da motricidade humana**? Em primeiro lugar, conferir **matriz teórica** a uma área do conhecimento que não é habitual surgir, aos olhos de todos, como ciência autónoma. A motricidade humana é virtualidade para ação de um ser que persegue a transcendência. Ora, este movimento intencional em direção ao **mais-ser** é visível no desporto, na dança, na ergonomia e na motricidade terapêutica. Portanto, a ciência da motricidade humana é o sistema de que são subsistemas o desporto, a dança, a ergonomia e a motricidade terapêutica.

A expressão **ciência do desporto** descobri-a, pela vez primeira, no livro de Ernst Jokl, **Fisiologia del Ejercicio** (INEF, Madrid, 1973, p. 14). Hoje, está muito em voga na RFA, ao mesmo tempo que o Conselho da Europa forceja por tornar viável a expressão **ciência do desporto**. Porque igual anseio de transcendência eu encontro nas condutas motoras, típicas do desporto e da dança, e da ergonomia e da educação especial e reabilitação, não me fixo num modelo de cientificidade que me parece reducionista, embora veiculado por um meio significativo de vozes (conviria apurar qual a sua origem, a sua fundamentação teórica e os interesses que as informam).

Mas ousou sugerir uma reorganização, que se transforme em **corte epistemológico**. Para mim, não há mais **educação física**, ou melhor, entendo-a tão-só como a pré-ciência da ciência da motricidade humana. Os ainda denominados professores de Educação Física têm uma profissão bem mais rica do que a de educadores de ... físicos! Do ponto de vista epistemológico, a expressão **educação física** (e sabemos como a onipotência e a onipresença do discurso é talvez a dimensão do nosso tempo) parece incapaz de traduzir toda a grandeza e indispensabilidade do labor teórico e prático dos professores de Educação Física, quer como pedagogos, quer como treinadores, quer como administradores e gestores. Não há educadores (nem preparadores) de físicos, mas de homens em movimento que perseguem a transcendência. É este afinal o campo donde emerge o desporto e afinal a nova ciência do homem a que chamo ciência da motricidade humana. No modesto de quem subscreve estas linhas, a motricidade humana é um sistema que se compõe dos seguintes subsistemas: Desporto, Dança, Ergonomia, Motricidade Terapêutica, Psicomotricidade e o Jogo Des-

portivo típico do Lazer e da Recreação. Em todas estas condutas motoras é visível o movimento intencional de quem quer transcender e transcender-se.

Por outro lado, esta ciência autónoma esclarece que há especialistas, que não se confundem com simples técnicos, no Desporto, na Dança, etc.: especialistas de que se aproximam, mais do que ninguém (sem esquecer as inevitáveis exceções) os diplomados pelo INEF e os licenciados pelos ISEF's. De fato, é da Universidade que deverão sair os técnicos e os gestores do desporto de amanhã. A cultura hodierna avisa-nos que vivemos em tempo de mudança... até no desporto!

Um ponto a sublinhar: quando se caminha, na teorização, do **físico** ao **motor**, não tão-só uma lúdica transformação de nome, há sobretudo a exigência da investigação numa área do conhecimento que ajuda homens em movimento intencional rumo ao mais-ser. Estudando só o **físico**, nasceria um falso escol, nesta área: talvez surgissem exemplares anátomo-fisiologista-investigadores. Técnicos e gestores do Desporto ou da Dança, etc. é que não surgiria, com toda a certeza.

Defender que nasceu, neste campo, uma nova ciência do homem (ou ciência social e humana), chamada **ciência da motricidade humana**, é, no fundo, uma reacção crítica contra a fuga a compromissos metodológicos sérios, é criar um novo espaço de inter e transdisciplinaridade. A Educação Física? Repito-me e esclareço: no meu modesto pensar, como macroconceito, a Educação Física é a pré ciência, é o estágio anterior da ciência da motricidade humana; como micro-conceito, poderá entender-se como o ramo pedagógico da ciência da motricidade humana (só que eu, neste caso, prefiro a expressão **educação motora**).

Por que não utilizo a expressão ciência(s) do desporto? No meu pensar, não existem **ciências do desporto**, nas aplicações doutras ciências (como a psicologia, a sociologia, a biologia, etc.) ao domínio do desporto. A expressão **ciência do desporto** parece-me um modismo, dando relevo a um aspecto da motricidade humana e subalternizando os demais. Não me surpreende que haja um número apreciável de pessoas que, no estrangeiro, adiram (a esmagadora maioria tão-só por tradição) ao já-dito **Cultura Física, Educação Física, Ciência do Desporto**. Em resposta, poderíamos contrapor que também há estudiosos, no estrangeiro, que utilizam as expressões **Ciência da Motricidade Humana** e **Ciência do Movimento Humano**. E, por fim, será que os portugueses e os brasileiros precisam de pedir licença ao estrangeiro para pensar? A Ciência da Motricidade Humana que eu investigo, não produz verdades, mas conhecimentos. Muitos falíveis... como tudo o que é humano! A ciência nasce da dúvida e alimenta-se da incerteza. E sabe-se, hoje, que são os **proprietários da verdade que estão equivocados, não é a ciência**.